

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Anderson Luís de Sant Ana

**AS CONSEQUÊNCIAS DA REVOLUÇÃO SEXUAL: UMA REFLEXÃO SOBRE AS  
TRANSFORMAÇÕES DA VIDA ÍNTIMA EM TEMPOS DE MODERNIDADE LÍQUIDA.**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).  
Orientador: Prof. Dr. André Moyses Gaio.

Juiz de Fora

2016

# AS CONSEQUÊNCIAS DA REVOLUÇÃO SEXUAL: UMA REFLEXÃO SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DA VIDA ÍNTIMA EM TEMPOS DE MODERNIDADE LÍQUIDA.<sup>1</sup>

*THE CONSEQUENCES OF SEXUAL REVOLUTION: A REFLECTION ON LIFE CHANGES UNDERWEAR IN TIMES OF LIQUID MODERNITY*

Anderson Luís de Sant Ana<sup>2</sup>

---

## RESUMO:

Este artigo tem a finalidade de propor uma reflexão sobre o tema da sexualidade, usando como metodologia uma revisão bibliográfica das principais produções sociológicas sobre o assunto, do período pós-segunda guerra mundial em diante. O objetivo deste artigo é fazer uma síntese das mudanças nas relações sociais e principalmente das relações íntimas a partir da revolução sexual, iniciada na década de 1960 no mundo ocidental, que promoveu um grande impacto na sociedade, gerando um novo comportamento sexual. Essas mudanças foram impulsionadas pelo movimento de emancipação feminina a partir do desenvolvimento de métodos contraceptivos eficazes, que foi um marco para uma nova compreensão da sexualidade na modernidade. Será apresentado um breve resumo das principais publicações sociológicas sobre o tema, que tiveram grande repercussão entre os estudiosos. Publicações estas que romperam os limites do campo das ciências médicas e passaram a ser discutidas em outros campos de saberes como Psicologia, Biologia, Antropologia entre outros. O início da discussão do tema dar-se-á a partir dos “polêmicos” relatórios de Alfred Kinsey, extraídos das publicações de 1948 e 1953, respectivamente: *O Comportamento Sexual do Homem*, *O Comportamento Sexual da Mulher*, sendo importantes na constituição do fenômeno que ficou conhecido como “revolução sexual”, passando pela dimensão de poder e saber de Michel Foucault, pela interpretação puramente sociológica da sexualidade, construída por John Gagnon em sua única publicação na língua portuguesa: *A Interpretação do Desejo*, e finalizando com a análise dos paradoxos da revolução sexual feita por Mary Eberstadt. As análises serão feitas a partir da perspectiva de modernidade líquida desenvolvida por Zygmunt Bauman.

**PALAVRAS-CHAVE:** sexualidade, revolução sexual, sociedade, modernidade líquida, construção social.

---

## ABSTRACT:

This article aims to propose a reflection on the theme of sexuality, using as methodology, a bibliographical review of the main sociological productions on the subject, from the post-war period onwards. The purpose of this article is to summarize the changes on social relations and especially of intimate relationships from the sexual revolution that began in the 1960s in the Western world, which promoted a major impact on society, creating a new sexual behavior. These changes were driven by women's emancipation movement from the development of effective contraception methods, which were a milestone for a new understanding of sexuality in modern times. A brief summary of the main sociological publications will be presented on the subject, which had great repercussions among the scholars. These publications, that broke the limits of the field of medical sciences, began to be discussed in other fields of knowledge, such as Psychology, Biology, Antropology, among others. The beginning of discussion of the subject will take place from the “controversial” reports of Alfred Kinsey, drawn from his 1948 and 1953 respectively publications: *The Sexual Human Behavior*, *Sexual Women's Behavior*, which were important in formation the movement which became known as the “sexual revolution”, through the dimension of power and knowledge of Michel Foucault, for purely sociological interpretation of sexuality, constructed by John Gagnon in his only publication in Portuguese: *The Interpretation of Desire*, and finishing with the analysis of the paradoxes of the sexual revolution made by Mary Eberstadt. The analysis will be made from the liquid modernity perspective developed by Zygmunt Bauman.

**KEYWORDS:** sexuality, sexual revolution, society, liquid modernity, social construction.

---

<sup>1</sup> Utilizaremos o conceito de modernidade líquida elaborado por Zygmunt Bauman, para situar em que momento da modernidade estarão sendo desenvolvidas as análises presentes neste artigo.

<sup>2</sup> Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: anderbach2013@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. André Moyses Gaio.

## 1. INTRODUÇÃO

Assuntos como gêneros, sexualidade, família, estão no centro de grandes mudanças culturais nos últimos sessenta anos. Esses temas nunca estiveram tão em pauta nas discussões; tanto nas esferas políticas, como na pública e privada. As mudanças iniciadas há seis décadas estão vinculadas a uma série de eventos que instauraram uma nova ordem social. A revolução sexual, a liberação feminina a separação da sexualidade do ciclo procriativo, a partir do desenvolvimento de métodos contraceptivos, são elementos que estão presente nas análises das relações sociais e das transformações da vida íntima. Por essa razão, apresentaremos um panorama das novas configurações, perspectivas e problemas da sociedade atual como consequências da revolução sexual e as implicações resultantes de novas atitudes incorporados pelas pessoas, inseridas num mundo moderno.

O panorama que se descortina na atualidade vem demonstrando explicitamente a instalação de uma nova era, na qual as instituições sociais perderam sua solidez, numa manifestação clara de que vivemos tempos de uma “modernidade líquida”<sup>3</sup>. Zygmunt Bauman, filósofo e sociólogo polonês, é um dos grandes pensadores contemporâneo, cuja maioria de suas obras, faz reflexões sobre a realidade consumista na qual o ser humano está inserido. Bauman cunhou este conceito tendo como objeto de estudo a sociedade moderna ou pós-moderna, para alguns pensadores. Em suas análises, procura compreender as complexas relações nas quais as pessoas se movem, e têm no consumismo, sua principal ênfase por entender ser uma teia de relações bem construída em que não restam muitas alternativas na luta pela sobrevivência. O ser humano, ancorado no discurso consumista, vive a sua vida sem se questionar sobre o que realmente acontece à sua volta. Vive-a como espectador, não como protagonista. O autor percebeu que existe cada vez mais crescente, uma liquidez nas relações. De forma geral, a sociedade moderna está mergulhada numa inversão de valores, há gradativamente menos contato entre os indivíduos e com menor duração. As relações, as instituições, os quadros de referência, os estilos de vida, as crenças e as convicções, mudam antes que tenham tempo de se solidificar, demonstrando uma grande incapacidade de manter a forma. Nesse contexto, as pessoas são transformadas em objetos de consumo, deixando de ser o sujeito da ação social, passando a ser objeto numa relação de “compra e venda”. Nas relações amorosas, vai se extinguindo o aspecto de união, passando a servir de mero acúmulo de experiências.

Nesta perspectiva é fácil perceber que as esferas pública e privada têm sofrido um processo de mudança de paradigma, é perceptível um deslocamento dos valores morais, bem como a queda de tabus. Alguns princípios, que antes eram incorporados ao modo de vida das pessoas, deixaram de ser a referência para a maioria delas. Um bom exemplo dessa mudança de referências está na concepção de interdição ao prazer sexual, motivado pela ideia de que não se poderia ter prazer na relação sexual, pois sua existência se limitaria à reprodução. Essa concepção, entre outras, faz parte de um passado recente, onde o sexo era visto como algo proibido, nem falar sobre o tema era permitido, tudo foi encerrado pela Santa Sé como sendo pecado, e o sexo se restringia apenas ao quarto dos pais (FOUCAULT, 1988, p.10). Hoje, em pleno século XXI, vivemos numa outra realidade; uma geração com outra visão de mundo, que tem vivido uma grande transformação na compreensão da sexualidade, baseada em outros discursos, que não sejam unicamente o da moral. Basta uma simples comparação para verificar que de fato, vivemos outra era e não há dúvidas de que houve uma grande mudança no comportamento sexual da população, e é sobre essas transformações sociais e sexuais, que pretendemos desenvolver nossa análise.

Os avanços da tecnologia e das ciências têm influenciado e transformado as relações humanas ao longo dos anos, e neste caso, a nova compreensão da sexualidade, na qual estamos inseridos hoje, está, em alguma medida, atrelado ao desenvolvimento dos métodos contraceptivos nos anos 60, que permitiu a desvinculação da sexualidade da reprodução biológica, instrumentalizando as reivindicações e conquistas das mulheres pela igualdade sexual, emocional e social em relação aos homens. O sexo, que outrora era visto somente com o propósito de procriação e de perpetuação da espécie, tem hoje cada vez mais assumido um papel hedonista, deslocando seu antigo propósito para um novo: a satisfação pessoal e a busca do prazer individual.

Outro fato marcante sobre o tema da sexualidade, pós-revolução sexual, foi a epidemia do HIV/AIDS nos anos 80, que, somada às mudanças de comportamento de homens e mulheres, pelos fatos

---

<sup>3</sup> BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

acima citados, trouxe um grande interesse de estudos, por parte não só das ciências sociais, como também de outras áreas de saberes como Medicina, Psicologia, Biologia, além da Antropologia e da Sociologia. É inegável que a cultura do “sexo livre” foi a principal responsável pela explosão da doença na primeira década da epidemia, por conta da transmissão pelo ato sexual; na medida em que se aumentava o número de parceiros, com quem relacionavam sexualmente, mais rápido a doença se espalhava, numa verdadeira progressão geométrica. Muitas mulheres casadas, que só se relacionavam intimamente com os maridos, foram infectadas pelo comportamento promíscuo dos homens, que, por conta das relações extras conjugais que tinham, contraíam a doença, e, por conseguinte, infectavam suas esposas. As transfusões de sangue, bem como a utilização de seringas contaminadas, também cooperaram na proliferação da doença, mas nada comparado com a facilidade das relações sexuais, que em larga escala promoveram uma verdadeira epidemia. Atualmente o fenômeno do sexo livre, tem gerado aberrações, como é o caso das chamadas “Festas do carimbo”, que são festas direcionadas ao público homossexual, promovidas através das redes sociais, cujo principal objetivo é a transmissão propositadamente do vírus HIV, onde o uso de preservativos é desencorajado.

Por se tratar de questões relevantes para a sociedade, a qual está imersa, em alguma medida, numa jornada para alcançar um “bem estar social”, faremos uma análise sobre as incessantes buscas sexuais do ser humano, mantidas longe de suas identidades públicas, passando pelo reflexo dessas transformações no comportamento de homens e mulheres e seus papéis sociais, que refletirá o quanto essas mudanças na conduta sexual são revolucionárias e profundas na sociedade contemporânea. Tomaremos como base teórica as abordagens de alguns dos mais importantes estudiosos da sexualidade, no campo das Ciências Humanas, como Freud, Kinsey, Foucault, Giddens, Gagnon, Lasch entre outros. Faremos uma análise, desde a ideia de casamento tradicional, como lugar de segurança e felicidade, onde o amor e a sexualidade são fundamentais, até chegar às novas formas de amar e de se relacionar; a busca do prazer por meio do sexo livre, sem restrições, seguindo as exigências de uma sociedade onde os valores morais e éticos estão em constante deslocamento. Passaremos também, pela análise dos paradoxos da revolução sexual, apresentados por Mary Eberstadt, em sua obra: *Adão e Eva depois da pílula*, em que a pesquisadora apresenta os diversos campos nos quais essa revolução suscitou alterações radicais.

Quais são as transformações percebidas na sociedade moderna, a partir da revolução sexual? Como se dão as relações sociais, diante da sexualidade contemporânea? Quais são os impactos percebidos na sociedade, resultantes desse novo comportamento? Que abordagem as Ciências Sociais têm realizado sobre o tema da sexualidade na atualidade? É atrás dessas respostas que vamos nos debruçar. Este artigo objetiva trazer reflexões do tema da sexualidade, a partir de uma revisão bibliográfica das principais produções sociológicas, tomando por base, as mudanças nas relações sociais e íntimas a partir da revolução sexual e seus impactos, mostrando as profundas transformações ocorridas na sociedade, resultante de uma nova compreensão da sexualidade.

## **2. CONSTRUÇÃO SOCIAL DA SEXUALIDADE**

### **2.1. Relatórios de Kinsey, Masters e Johnson**

O biólogo norte americano Alfred Charles Kinsey (1894-1956) foi um importante pioneiro nos estudos de sexo, gênero, reprodução e sem dúvida teve uma grande influencia na nova compreensão do tema. Os resultados publicados por Kinsey entre 1948 e 1953, sobre o comportamento sexual de homens e mulheres contribuíram muito para desencadear a chamada “revolução sexual” que se deu principalmente a partir da década de 1960. Suas pesquisas provocaram um grande impacto na sociedade americana do início dos anos 50. Kinsey defendeu a ideia de que todos os comportamentos sexuais considerados anômalos são na verdade normais, e, ao mesmo tempo, afirmou que ser exclusivamente heterossexual é anormal: é fruto de inibições culturais e de condicionamentos sociais, contrários à natureza do homem.

Seus dados ficaram conhecidos como: “Relatório Kinsey”, a partir do conteúdo de dois dos seus principais livros: *O Comportamento Sexual do Homem – 1948*<sup>4</sup> e *O Comportamento Sexual da Mulher – 1953*<sup>5</sup>. As duas publicações de Kinsey, sobre o tema da sexualidade, provavelmente exerceu uma das

<sup>4</sup> KINSEY, POMEROY e MARTIN, 1948 apud GAGNON, 2006 p. 16.

<sup>5</sup> KINSEY, POMEROY, MARTIN e GEBHARD, 1953 apud GAGNON, 2006 p. 16.

maiores influências nas concepções modernas sobre a sexualidade, do que qualquer outro trabalho, desde toda a teorização de Sigmund Freud<sup>6</sup>.

A percepção das mudanças nas atitudes públicas sobre a sexualidade, conhecida como revolução sexual, foi acontecendo gradativamente após a Segunda Guerra Mundial. Na sequência da abertura da concepção de revolução sexual, promovida pelos relatórios de Kinsey, as pesquisas de William Masters e Virginia Johnson contrapuseram o tema levantado, apresentando alguns problemas causados pelas mudanças do comportamento social (GAGNON, 2006, p.17).

A primeira obra de Masters & Johnson: *Human Sexual Response (A Resposta Sexual Humana)*, publicada em 1966 nos Estados Unidos, foi o resultado de investigações laboratoriais das reações fisiológicas e anatômicas de 694 voluntários (312 homens e 382 mulheres), após o acompanhamento de 10 mil relações sexuais em 11 anos de estudo. A segunda publicação: *Human Sexual Inadequacy (A Inadequação Sexual Humana)* foi resultado de trabalhos clínicos, tendo sido publicado em 1970. No Brasil, os volumes foram publicados pela editora Civilização Brasileira, ambos com títulos em tradução não correspondentes às edições norte-americanas: o primeiro, *A Conduta Sexual Humana*<sup>7</sup>, em 1969 e o segundo, *A Incompetência Sexual*<sup>8</sup>, em 1970. Mais tarde, a editora Roca reeditou-os com títulos corretos: *A Resposta Sexual Humana*, em 1984, e *A Inadequação Sexual Humana*, em 1985.

## 2.2. Essencialismo x Construtivismo Social

Esses primeiros teóricos que se debruçaram sobre os estudos da sexualidade, afirmaram que o comportamento sexual é moldado por um conjunto de fatores biológicos, frisando a importância dos impulsos biológicos e do modo como essas energias biológicas eram canalizadas pela dinâmica familiar e pelas estruturas sociais. Esse posicionamento se estruturou numa corrente conhecida como essencialismo, que sustenta a ideia de que existe algo inerente à natureza humana, um instinto ou uma energia sexual que impulsiona suas ações. Nesta concepção, a sexualidade se restringe a um mecanismo fisiológico, a serviço da reprodução da espécie, uma pulsão, de ordem psíquica, que busca extravasar essa energia biológica.

Quase que simultaneamente a esses primeiros estudos, desponta no cenário das Ciências Sociais, a tradicional Escola de Chicago, que teve um papel muito importante nos avanços dos estudos sociológicos, ao apresentar um novo olhar sobre os muitos problemas sociais. Diferente da sociologia clássica europeia, que se concentrou na dinâmica entre os processos históricos e as estruturas sociais que moldavam os indivíduos e comunidades, os sociólogos de Chicago mergulharam em etnografias de ricas descrições sobre imigrantes, negros, vagabundos, prostitutas e delinquentes da cidade. O filósofo e psicólogo social, George Herbert Mead, um dos mais importantes expoentes da Escola de Chicago, afirmou que o “eu” (self), como sede da individualidade e da experiência significativa, é produto de processos sociais. Representantes dessa importante escola sociológica “enfativavam o processo de interação social e o caráter simbólico da ação social, concentrando-se na ação recíproca dos atores sociais” (GAGNON, 2006, p. 20).

O construtivismo social, em oposição à abordagem essencialista sobre o tema da sexualidade, busca problematizar o universo do instinto sexual. Os teóricos que adotam essa tradição rejeitam vigorosamente a importância determinante dos impulsos ou energias biológicas. Muito pelo contrário, adotaram uma interpretação rigorosamente social do comportamento sexual. Para eles, existem formas culturalmente específicas para a constituição da sexualidade, que envolvem contatos corporais entre pessoas do mesmo sexo ou de sexos diferentes, ligados ou não à atividade reprodutiva, que podem ter significados radicalmente distintos entre as culturas, ou mesmo entre grupos populacionais de uma determinada cultura. Portanto, os significados sexuais e, sobretudo, a própria noção de experiência ou comportamento sexual não seriam passíveis de generalização, dado que estão ancorados em teias de significados articuladas a outras modalidades de classificação, como o sistema de parentesco e de gênero, as classificações etárias, a estrutura de privilégios sociais e de distribuição de riqueza.

---

<sup>6</sup> FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 7). 1996.

<sup>7</sup> MASTERS, JOHNSON, 1969 apud SENA, 2010 p. 223.

<sup>8</sup> MASTERS, JOHNSON, 1970. apud SENA, 2010 p. 223.

### 2.3. Foucault e Gagnon: Sexualidade - Uma Construção Social

A ideia de que a sexualidade é construída socialmente é defendido pelo sociólogo John H. Gagnon, que estuda o tema há mais de 40 anos, dentre outros nomes da Sociologia americana. Foi um dos primeiros a contrariar a perspectiva do sexólogo Alfred Kinsey, que, baseado em suas inúmeras pesquisas, afirma que todo desejo sexual tem sua origem puramente nos instintos naturais do ser humano. Jeffrey Escoffier, um dos colaboradores de Gagnon, descreve a contribuição do autor para o tema da seguinte maneira (GAGNON, 2006, p.18):

Gagnon e Simon introduziram uma concepção minuciosa do comportamento sexual como um processo aprendido, que é possibilitado não por impulsos instintivos ou exigências fisiológicas, mas por se inserir em roteiros sociais complexos, que são específicos de determinados contextos culturais e históricos. Sua abordagem frisou a importância da ação individual e dos símbolos culturais na condução das atividades sexuais.

Gagnon é pioneiro nos estudos da sexualidade humana; escreveu e editou cerca de 15 livros e mais de 100 artigos, é Professor Emérito de Sociologia da Universidade Estadual de Nova York em Stony Brook, onde ele lecionou e pesquisou de 1968 a 1998. Gagnon é um sociólogo que marcou os estudos da sexualidade nas Ciências Sociais junto com seu companheiro de pesquisas, William Simon. Dessa parceria resultou a sua principal obra chamada: *Sexual Conduct*<sup>9</sup>, publicada em 1973 e ainda não traduzida para o português. Nessa obra, os autores lançam as bases para uma interpretação social das raízes do desejo sexual dos seres humanos. Eles desconstruem a ideia de que desejo sexual possui de fato um determinismo biológico, indo na direção contrária dos estudos, até então feitos pela psicanálise sobre a elaboração do objeto de desejo sexual. A *Conduta Sexual* introduziu uma abordagem da sexualidade humana na perspectiva da construção social. Coloca o campo da sexualidade sob o controle de uma orientação sociológica, reivindicando para a sociologia um aspecto da vida social que era determinado, a priori, pela biologia ou pela psicologia. Nenhum dos teóricos anteriores da sexualidade havia interpretado o comportamento sexual como tão completamente social.

Gagnon e Simon elaboraram a visão de que a prática do sexo requer um aprendizado, e que somente por estarem inseridos em “roteiros” sociais é que a prática do sexo é possível, sendo assim, procuram substituir as teorias biológicas e as teorias psicanalíticas do comportamento sexual, pela teoria social dos roteiros sexuais<sup>10</sup>: em que os indivíduos usam suas habilidades interativas, assim como o arcabouço de fantasias e mitos culturais para desenvolver roteiros, organizando assim seu comportamento sexual (GAGNON, 2006, p. 21):

Por exemplo: os roteiros interpessoais ajudam os indivíduos a organizar sua própria auto-representação e a representação de terceiros para instaurar e exercer a atividade sexual, enquanto os roteiros intrapsíquicos organizam as imagens e os desejos que despertam e sustentam o desejo sexual dos indivíduos. Os cenários culturais moldam os roteiros interpessoais e intrapsíquicos no contexto de símbolos culturais e papéis sociais genéricos (como os baseados na raça, no gênero ou na classe).

Não dá para falar de sexualidade na modernidade sem mencionar Michel Foucault, filósofo e sociólogo francês, que entra nesta discussão, em virtude de sua importante obra: *A História da Sexualidade*<sup>11</sup>. Foucault desenvolve suas teorias abordando a relação entre poder, saber e sexualidade, sendo usados como uma forma de controle social por meio de instituições sociais. Em sua obra, faz uma forte crítica contra o que chamou de “a hipótese repressiva”<sup>12</sup>, a qual em consonância com Gagnon, afirma que a conduta sexual é moldada não só por mecanismos repressivos, como havia afirmado Freud,

<sup>9</sup> GAGNON e SIMON, 1973 apud GAGNON, 2006 p. 18.

<sup>10</sup> Os autores apresentam três níveis de roteirização: os cenários culturais, os roteiros interpessoais e os roteiros intrapsíquicos.

<sup>11</sup> FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.

<sup>12</sup> A sociedade ocidental teria suprimido a sexualidade desde o século XVII até meados do século XX. O sexo era reduzido a função reprodutora, o casal procriador passa a ser o modelo. Num contexto em que o trabalho é muito explorado, as energias não podem ser dispensadas nos prazeres. Mas essa sociedade burguesa e conservadora, se vê forçada a fazer concessões, restringindo as sexualidades ilegítimas a lugares onde possam dar lucros.

mas também por processo de construção discursiva. Para ele, o eu é socialmente construído e a sexualidade é moldada por meio da coordenação corporal e da interação simbólica de sujeitos sociais. Sua análise da sexualidade se concentra em grandes narrativas da mudança histórica, na emergência das identidades sexuais e nos regimes de regulação sexual, enquanto Gagnon detalhou como esses processos históricos e esses regimes de regulação sexual moldam a vida sexual das pessoas. Essa perspectiva ganhou importância a partir do advento da AIDS, pois compreender os roteiros sexuais permitiu aos investigadores identificarem os riscos de infecção por HIV nas atividades sexuais e desenvolverem estratégias de prevenção (GAGNON, 2006, p. 26).

Nas Ciências Sociais, como em outras áreas do saber, para que se faça uma análise mais correta da sexualidade é preciso identificar todos os elementos inseridos no processo, tais como as articulações e nexos das estratificações sociais e suas interações, pois a atividade sexual, para ser plenamente exercida, depende de socialização, aprendizagem, regras, roteiros e cenários culturais. Não é possível compreender um comportamento sexual sem conectá-lo devidamente ao contexto em que ele se insere. “A sexualidade é uma elaboração social que opera dentro dos campos de poder, e não simplesmente um conjunto de estímulos biológicos que encontram ou não uma libertação direta” (GIDDENS, 1993, p.33). Sendo assim, não há como universalizar a conduta sexual e seus significados. A sexualidade não se restringe a dimensão fisiológica e reprodutiva, nem tampouco à psíquica. De fato, todas essas dimensões estão carregadas de convenções culturais acerca do que consistem a excitação e a satisfação erótica, assim como atitudes simbólicas que modelam as próprias sensações físicas.

Fundamentada nesses novos discursos é que se dá a constituição de uma nova compreensão da sexualidade e dos seus vários propósitos. Foi por meio da elaboração de discursos sobre o sexo, ao longo dos anos, que iniciou uma onda de desconstruções e reconstruções de costumes, valores e regras, que legitimarão a sexualidade na sociedade moderna.

### **3. SEXUALIDADE NA MODERNIDADE**

#### **3.1. A História da Sexualidade por Michel Foucault**

Em sua obra *A História da Sexualidade*, Foucault compreende que a experiência sexual, como toda experiência humana, é produto de um complexo conjunto de processos sociais, culturais e históricos. O autor descreve a partir do século XVII, o panorama de uma sociedade burguesa e capitalista, onde não havia uma proibição em si, mas a repressão à sexualidade era feita através da incitação dos discursos. Muitos discursos foram produzidos sobre o tema, instituindo uma verdade regulada, como uma forma de controle da sexualidade. A partir do século XVIII, esses discursos disciplinadores, que intencionavam suprimir todas as formas de sexualidade não relacionadas com a reprodução e com o casamento, como lugar legítimo da sexualidade, multiplicaram-se através de condenações judiciais das “perversões sexuais”. Esses desvios foram normatizados e atrelados a um desenvolvimento sexual, gerando controles pedagógicos e tratamentos médicos. Romper as regras do casamento para atividade sexual e a procura de prazeres estranhos, merecia a condenação moral e jurídica. As práticas sexuais fora do casamento eram consideradas “contra a natureza”. Já no século XIX, há um deslocamento da autoridade sobre os “delitos sexuais”; a autoridade jurídica dá lugar à autoridade médica. A medicina começa interferir na sexualidade, postulando uma gama de patologias: orgânica, funcional ou mental, originada nas práticas sexuais errantes e improdutivas. Tanto a medicina e a psiquiatria como a pedagogia intencionavam controlar as práticas sexuais antinaturais, consideradas sexualidades periféricas, como por exemplo: sodomia, homossexualismo, incesto, entre outras perversões, além da sexualidade Infantil (FOUCAULT, 1988, p. 36-37).

Essas interdições, ao contrário do que se esperava, ganhou uma conotação paradoxal, funcionando como um mecanismo de dupla incitação: prazer e poder. Prazer em exercer um poder que questiona e fiscaliza, e um prazer que incendeia na luta em resistir a esse poder que, por outro lado, se deixa invadir pelo prazer a quem persegue. Nesse contexto, a sexualidade instituiu-se como um dispositivo de saber e poder, percebido nas relações entre homens e mulheres, jovens e velhos, pais e filhos, educadores e alunos e etc. Em sua análise, Foucault busca as razões pelas quais a sexualidade, longe de ser reprimida na sociedade contemporânea, está ao contrário, sendo suscitada. O dispositivo da sexualidade deve ser pensado a partir das técnicas de poder que lhe são contemporâneas. Para ele, três eixos constituem a sexualidade nas sociedades modernas: a formação dos saberes que a ela se referem; os sistemas de poder que regulam suas práticas e as formas pelas quais os indivíduos podem e devem

se reconhecer como sujeitos dessa sexualidade. Portanto, a sexualidade, longe de ser um fenômeno natural, é, ao contrário, profundamente suscetível às influências sociais e culturais. É produto de forças sociais e históricas. É a sociedade e a cultura que designam se determinadas práticas sexuais são apropriadas ou não, morais ou imorais, saudáveis ou doentias. A história da nossa concepção de corpo e sexualidade é a história dos sistemas de valores fundamentais em cada sociedade. A história da sexualidade, vista como uma construção social aponta para mudanças importantes, tanto no comportamento sexual, como no significado que lhe atribuímos. Por isso, não se pode explicar suas formas e variações sem examinar o contexto em que se formaram.

Na modernidade, a concepção de sexualidade designa uma série de fenômenos que englobam tanto os mecanismos biológicos da reprodução como as variantes individuais e sociais do comportamento, a instauração de regras e normas apoiadas em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas, e também as mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos. Sexualidade é uma construção social, que engloba o conjunto dos efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos e nas relações sociais. Ao longo da história, a atividade sexual sempre foi objeto de preocupação moral e, como tal, submetida a dispositivos de controle das práticas e comportamentos sexuais. Como esses dispositivos são construídos com base nos valores e ideologias predominantes na sociedade, eles assumem formas diferentes à medida que a sociedade muda; algo que é explícito no contexto da modernidade líquida.

Baseado neste contexto histórico e de interação social, podemos considerar a existência de uma construção dialética entre sociedade e indivíduos. Em certa medida, percebemos a sociedade moldando os indivíduos, ao mesmo tempo em que vai sendo moldada por eles. O comportamento de um indivíduo ou mais, pode influenciar muito a sociedade em que se desenvolve o seu papel social. Essa dinâmica social é percebida, quando comparamos uma mesma sociedade em tempos históricos diferentes e como suas concepções vão se modificando ao longo dos tempos. Por esse prisma, podemos afirmar que o comportamento dos indivíduos pode moldar uma sociedade; uma sociedade é fruto de comportamentos individuais, de sonhos e frustrações de seus indivíduos.

### **3.2. As Transformações da Intimidade**

É necessário, ainda que de forma sucinta, fazer uma ponderação sobre as transformações do comportamento sexual a partir das mudanças de conceitos e do ideal de casamento iniciadas com a modernidade. Esse ponto se torna relevante pelo fato de que, a despeito de todas as mudanças ocorridas nos últimos anos, o casamento continua sendo um arranjo social importante na trajetória humana, configurando em muitas culturas um rito de passagem, de emancipação, como afirma Therborn<sup>13</sup>: “o casamento ainda representa, para a grande maioria da humanidade, o fim da juventude e o início da idade adulta” (2013, p.222).

Da antiguidade à idade média, os casamentos eram “arranjados” pelos pais, eles decidiam com quem os filhos iriam casar-se, motivados principalmente por interesses econômicos. Os casamentos não eram baseados em um relacionamento amoroso entre um homem e uma mulher, era essencialmente um negócio de família, fundamentalmente vinculado aos benefícios que ambas as famílias teriam. O principal papel do casamento era o de fazer alianças entre as famílias dos jovens que iriam se casar, com o objetivo de fortalecer o patrimônio dos patriarcas. A escolha e a paixão dos jovens nubentes não pesavam nas decisões relativas ao matrimônio, e a sexualidade, nestes casos, fazia parte dos direitos e deveres desta aliança, para fins exclusivos de procriação. O casamento vinculado ao amor e ao romance, tal como o conhecemos hoje, surgiu na sociedade pós-revolução burguesa, pautada nos ideais da liberdade individual, principalmente a partir do século XVIII, quando a sexualidade passou a ocupar um lugar importante dentro do casamento.

O amor, no sentido moderno de consensualidade, escolha e paixão amorosa, não existia no casamento, sendo em geral, vivenciado nas relações de adultério; a sexualidade não era vivida como lugar de prazer, sua função específica era a reprodução. Esse novo ideal de conjugalidade e de amor romântico alimentou muitas expectativas e idealizações, sendo a principal delas a idéia de casamento como lugar de felicidade, onde o amor e a sexualidade são fundamentais. A principal mudança é que o “lar” passou a ser um ambiente separado do trabalho, onde as pessoas poderiam ter apoio emocional, em

---

<sup>13</sup> THERBORN, Göran. O Mundo: um guia para principiantes. São Paulo: Contexto, 2013.



contraste com o caráter instrumental do local de trabalho, “na complexa interpretação entre a estrutura das relações familiares e o mundo do trabalho, a família é um refugio doméstico em relação à economia de mercado”, estabelecendo uma nova ordem social. (ZAMBERLAN, 2001, p.69)

A partir dessa nova ordem social, a instituição casamento vem sendo paulatinamente moldada pelas determinações econômicas, sociais, culturais, de classe e gênero, assumindo inúmeras formas. Podemos citar como exemplo de mudanças importantes a tendência a se limitar o tamanho das famílias, que antes eram grandes, com muitos filhos. Pela primeira vez, para muitas mulheres, a sexualidade se aparta de um círculo crônico de gravidez e parto, possibilitado pela introdução de métodos contraceptivos, fazendo-as vislumbrar um novo prisma para a sexualidade (GIDDENS, 1993, p.36-37). Esse ideal de casamento por amor, impulsionado pela ideologia burguesa, em que os esposos eram incitados a amar suas esposas, com o intuito de suprir as necessidades e expectativas a respeito do amor e da felicidade no matrimônio, gerou muitas consequências e contradições. Na medida em que se criam expectativas e idealizações, inevitavelmente aparecem frustrações e conflitos, resultantes de disillusiones por não alcançar todas as expectativas geradas.

Aos poucos, o casamento por amor foi ascendendo na escala social até a era moderna, quando se estabelece como regra básica; o amor romântico se torna o ideal de casamento. O erotismo expulsa o tradicional pudorismo, trazendo mais prazer para dentro do casamento, especialmente para as mulheres, porém introduz outro aspecto de grande relevância, quanto às expectativas e idealizações: estabelece uma possível descontinuidade do matrimônio, colocando à prova a duração do casamento. Como o amor-paixão são sentimentos que em geral não dura para sempre, dessa forma, o amor conjugal ligado a ele também não dura. O divórcio aparece neste contexto, como uma possibilidade, não de reparação de um erro, mas como um instrumental a serviço de um sentimento que não pode e nem deve durar, dando sempre lugar ao seguinte. Essa é uma das principais características do casamento moderno e demonstra ser o grande desafio que os casais enfrentam nos dias de hoje, agravado pelo fato de vivermos num tempo de modernidade líquida, indicando estarem condenados e destinados à liquefação, o que os tem movido a redefinirem expectativas e idealizações sobre o casamento (ARAÚJO, 2002, vol.22, p. 70-77).

### 3.3. A fragilidade dos laços humanos

Neste contexto de transformações nas relações íntimas, Bauman publica o livro “*Amor líquido*”<sup>14</sup>, onde analisa as relações amorosas e algumas particularidades da “modernidade líquida”. Esse é um panorama dos dias atuais: nada é sólido, nada é feito para durar; vivemos num mundo cada vez mais dinâmico, fluído, líquido. Os relacionamentos escorrem das nossas mãos por entre os dedos feito água. As relações se misturam e se condensam com laços momentâneos, frágeis e volúveis. São tempos de relações sociais frágeis, são relações líquidas onde o envolvimento amoroso deixa de ter aspecto de união e passa a ser mero acúmulo de experiências, numa sociedade totalmente mercantilizada e individualizada. Não há um referencial moral, uma direção para se seguir, estão todos jogados e desamparados sob o risco de construir suas vidas sem um porto seguro.

A relação social, que antes era pautada em uma responsabilidade mútua, foi trocada por outro tipo de relação que o autor chama de conexão. Nessa nova ordem social a conveniência está na facilidade de descartar o outro, de desconectar-se. Num cenário de um mundo virtual, nos encontramos enredados em tecnologias, aparelhados com iphones, tablets, notebooks, etc. A conexão tomou o lugar dos encontros, as relações se passam via rede social cuja marca principal é a ausência de comprometimento. Há pouco contato cara a cara, corpo a corpo. São perceptíveis as dificuldades de comunicação afetiva nas relações humanas atuais. Todos querem relacionar-se, mas poucos conseguem, seja por medo ou insegurança. Sem a pressão de se estabelecer responsabilidade mútua entre seus participantes, os relacionamentos se deterioram facilmente, são fluidos, uma mera conexão. Todos podem sem a menor cerimônia, trocar seus parceiros por outros. Os relacionamentos são instáveis, pois as relações humanas estão cada vez mais flexíveis. As relações terminam tão rápido quanto começam. Ao invés de tentar resolver os problemas é mais fácil elimina-los, cortar os vínculos. O que acaba gerando pendências e acúmulo de frustrações. É um mundo de incertezas, cada um por si.

O amor na modernidade líquida é visto com restrições, sem a responsabilidade de relacionamentos sérios e duradouros. Pessoas estão sendo tratadas como bens de consumo. Dessa forma, ao menor sinal de defeito ou imperfeição descarta-se ou troca-se por outra. Estamos nos

---

<sup>14</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

acostumando com o mundo virtual e com a facilidade de “desconectar-se”, sendo assim, as pessoas não conseguem manter um relacionamento de longo prazo. O romantismo, em alta em outros tempos, parece estar fora de moda. O amor verdadeiro foi banalizado, reduzido a vários tipos de experiências vividas. Fazer amor se restringe a noites descompromissadas de sexo. Não existem mais empenho em amar, a palavra amor é usada indiscriminadamente sem que se saiba o seu real significado. Vivemos numa sociedade de total “descartabilidade”.

Bauman faz uma reflexão sobre a invocação de “amar ao próximo como a si mesmo” feita por Freud em *O mal-estar na civilização*<sup>15</sup>. Sem se deter na dimensão religiosa do mandamento, o autor descreve que essa situação de extrema insegurança e incerteza reverbera na incapacidade de amar o próximo. Amar alguém só faz sentido se a pessoa merecer ser amada. Se enxergarmos no outro, alguém que nos tira a possibilidade de ser feliz e de aproveitar a vida de maneira plena, ou, se somos arrebatados pelo medo do outro ser um possível agressor. Isto nos tira a vontade de amá-lo. Nas relações amorosas as pessoas precisam se sentir amadas, ouvidas e amparadas; precisam saber que sua ausência é notada. Segundo o autor, ser digno de amor é algo que só o outro pode nos classificar. O que fazemos é aceitar essa classificação. “Amar o próximo como a si mesmo” coloca o amor-próprio com um dado indiscutível, uma questão de sobrevivência, pois para amar o próximo como a mim, preciso primeiro ter amor em mim mesmo. “Aceitar o preceito do amor ao próximo é o ato de origem da humanidade”. Mas em tempos de incertezas, relações sem forma, sem solidez, em que o amor nos é negado, como teremos amor próprio? O amor-próprio é resultado de ser amado. Esta é uma relação dialética: quando somos ouvidos e percebemos que nossa opinião é importante ou que nossa presença é valorizada, assimilamos que somos únicos, especiais e dignos de amor (BAUMAN, 2004, p.97-101). Mas na modernidade líquida as inseguranças em relação ao outro faz com que o amor nos seja negado. Não há amor-próprio e não há injunções sociais que prescrevem o amor ao próximo fazendo dele algo fundamental na vida em sociedade. Amar o próximo não é natural, é, na verdade, algo contra nossos instintos mais básicos: por isso é o ato fundador da moralidade.

Anterior à teorização de Bauman, Christopher Lasch já analisava as relações sociais e íntimas, em seu livro *A Cultura do Narcisismo*<sup>16</sup>, no capítulo em que trata da *Trivialização das Relações Pessoais*, em que o declínio da criação de filhos, como a maior preocupação do casal, libertou o sexo de seu vínculo com a procriação, possibilitando valorizar a vida erótica em si mesmo. Na medida em que a família se reduz a união marital, a tendência é que homens e mulheres atendam as necessidades emocionais uns dos outros, ao invés de se sacrificarem pelos filhos. Aparentemente a busca do indivíduo moderno em viver apenas o momento, sem se importar com as consequências nas relações entre pais e filhos, proporcionou uma nova maneira de vivenciar a intimidade entre homens e mulheres, uma transformação na intimidade. Mas essa aparência é apenas uma ilusão. O que de fato se conseguiu foi uma crescente desesperança de encontra-la. Os mesmos desenvolvimentos que haviam debilitado os laços entre pais e filhos minaram também os laços entre homens e mulheres (LASCH, 1983, p.229-230).

A crescente incidência de divórcios e possibilidade de qualquer casamento acabar em colapso, somado a instabilidade da vida familiar, provoca na criança uma insegurança emocional. Na observação da família contemporânea é frequente o abandono dos filhos por parte do marido deixando sob os cuidados da mulher, por conseguinte a mulher sufoca os filhos de atenções incessantes como válvula de escape para suas frustrações. Para o autor a ausência do pai é o fato mais notável da família contemporânea, uma espécie de deserção emocional efetiva da família pelo pai. Como consequência dos fatos apresentados anteriormente, o autor enxerga uma guerra crescente entre homens e mulheres, fruto da desintegração da relação marital. A guerra entre os sexos constitui um fenômeno social, que, segundo Lasch (1983, p.231):

...repousam na transformação do capitalismo, de sua forma paternalista e familiar, em um sistema administrativo, empresarial e burocrático de controle quase total: mais especificamente, no colapso do cavalheirismo; a liberação do sexo de muitas de suas restrições anteriores; a busca do prazer sexual como um fim em si mesmo; a

<sup>15</sup> FREUD, Sigmund (1930) apud BAUMAN (2004).

<sup>16</sup> LASCH, Christopher. *A Cultura do Narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

sobrecarga emocional das relações pessoais; e, mais importante de tudo, a resposta masculina irracional à emergência da mulher liberada.

Neste contexto a democracia e o feminismo influenciam diretamente na insustentabilidade ideológica da supremacia masculina, incapaz de justificar-se como protetores do sexo mais frágil. A saída para os homens para assegurar a sua dominação se estabelece pelas fantasias e por vezes em atos de pura violência. “A posição da mulher no mundo contemporâneo vem sendo modificada para atingir a igualdade com o homem, visto que a sociedade patriarcal sempre enfatizou a presença masculina, em autoridade e importância, hipertrofiando-a, mesmo havendo igualdade irrestrita de direitos” (ZAMBERLAM, 2001, p. 70-71). Neste processo de empoderamento da mulher e mudança de seus papéis sociais, alguns elementos são importantes na compreensão dessa nova ordem social: anticoncepcionais eficazes, aborto legalizado e uma aceitação realista e saudável do corpo enfraqueceram os laços que antes ligavam o sexo ao amor, ao casamento e a procriação. Dentro de um panorama na qual a revolução sexual se estabelece, homens e mulheres buscam o prazer sexual como um fim em si mesmo, não mediado nem mesmo pelas armadilhas do romance. As ligações exclusivas deram lugar a uma promiscuidade negligente, como padrão normal de relações sexuais. O sexo é valorizado por si só, sem fazer qualquer indicação para uma relação mais duradoura. “As ligações sexuais, inclusive o casamento, podem ser interrompidas á vontade” (LASCH, 1983, p. 234).

Ao olharmos a sexualidade na atualidade, a expressão moderna tardia do erotismo parece não ter precedentes. “Ela não faz alianças com a reprodução sexual ou com o amor”, reivindica independência de ambos, recusando qualquer responsabilidade pelo impacto que poderia ter o destino deles. “A auto-suficiência do erotismo, a liberdade de procurar deleites sexuais para o próprio bem, cresceu até o nível de uma norma cultural”, carregando em si uma leveza e uma volatilidade assombrosa (BAUMAN, 2008, p.279). É nesse panorama que a modernidade líquida se instala: numa sociedade fragmentada e individualizada. Vivemos em tempos de transformações sociais aceleradas, nas quais as dissoluções dos laços afetivos e sociais são o cerne da questão. A explícita liquefação dos sólidos num tempo de desapego e provisoriedade, uma suposta sensação de liberdade traz em seu avesso à evidência do desamparo social em que se encontram os indivíduos moderno-líquidos.

### **3.4. O Mundo Pós Pílula e o advento da Revolução Sexual**

No fluxo da história da sexualidade e do desenrolar das mudanças e transformações nas relações entre homens e mulheres, segue-se a era da revolução sexual. O advento da moderna contracepção não é apenas mais um fato na história da sexualidade, mas sim o fato central do nosso tempo, na medida em que talvez não haja outro evento que tenha provocado tão profundas consequências demográfica, sociais, comportamentais e pessoais (EBERSTADT, 2012, p.12). Nas últimas décadas, falar sobre sexo deixou de ser um assunto proibido ou restrito a intimidade de esposos e esposas, perdendo gradativamente o status de tabu. Segundo Giddens, “a sexualidade passou a fazer parte de uma progressiva diferenciação entre o sexo e as exigências de reprodução” (1993, p.38), ganhando certa autonomia; na medida em que deixa de ter fins estritamente procriativos, a sexualidade se torna descentralizada, liberta das necessidades de reprodução. É o que o autor vai chamar de “sexualidade plástica”, elemento importantíssimo para o acontecimento da revolução sexual. Neste contexto, em alguma medida, o sexo passa a ser visto inicialmente, como uma forma de protesto contra todo tipo de regulação e de repressão imposto pela sociedade até então. Deslocando-se de um extremo ao outro, do “proibido” ao “amor livre”, gerando mudanças profundas nas relações sociais, ajudando reordena-las e introduzindo novos códigos.

Diante das mudanças de comportamento e das transformações da intimidade, facilmente percebidas nos dias atuais, faremos uma análise desse fenômeno, que foi uma verdadeira revolução nas relações sociais e íntimas estabelecido a partir do período pós-segunda guerra, tendo como sombra, o aparecimento da epidemia do HIV-AIDS, que ceifou milhares de vida, tendo sua gênese e ápice no que se refere ao maior número de infectados, na década de 80. Sobre o tema, Jeffrey Escoffier traz a seguinte definição (GAGNON, 2006, p.15):

Sexo, sexualidade e gênero têm estado no centro de vastas mudanças culturais nos últimos cinquenta anos – a mudança do papel social das mulheres; a maior consciência da sexualidade feminina; o surgimento de identidades sociais baseadas

em preferências sexuais; o desenvolvimento de formas eficazes de contracepção; a crescente prevalência do sexo antes do casamento, as mudanças na concepção de casamento, divórcio e coabitação; bem como inseminação artificial, exercício solitário da função parental e as novas configurações de família. Muitas dessas mudanças culturais dramáticas costumam ser incluídas no que se descreve como revolução sexual.

A revolução sexual diz respeito ao aumento das várias formas de atividade sexual não conjugal. Essa "liberação sexual" é resultado de uma nova perspectiva social que desafia os códigos tradicionais de comportamento relacionados à sexualidade humana. O fenômeno não foi universal, ocorreu em grande medida no mundo ocidental com muitas nuances, e, é neste contexto que faremos nossas ponderações (THERBON, 2013, p.215). A revolução sexual teve suas maiores expressões apreendida pelo movimento hippie e pela juventude rebelde dos anos 1960 e 1970, desencadeando novos códigos de comportamento sexual e de relações interpessoais, obtendo gradativamente um status de regra geral de comportamento. É possível perceber várias mudanças no comportamento de homens e mulheres: um bom exemplo é o fato de que moças e rapazes começaram a iniciar suas atividades sexuais cada vez mais cedo; o impacto desta experimentação sexual mais precoce foi o de perceber uma idade mais avançada por ocasião do casamento. Também o crescente número de divórcio trouxe a oportunidade de homens (em menor grau) e mulheres praticarem atividades sexuais não monogâmicas, abrindo caminho para um maior número de parceiros sexuais, o que quase não ocorria em gerações anteriores, onde esse comportamento era mal visto e precisava ser feito de forma não pública.

Nas últimas décadas, a mídia tem exercido um papel importante nestas mudanças sociais, principalmente através do cinema e telenovelas, e mais recentemente, da internet, refletindo e influenciando na construção dessa nova ordem social e na construção de uma nova visão sobre o tema. As novelas e os filmes vêm refletindo um significativo grau de igualdade sexual, visto que nos dias de hoje é comum uma mulher ter muitos amantes, antes de assumir um envolvimento mais "sério" (GIDDENS, 1993 p.15-16), o que noutro tempo, somente para homens era aceito e até mesmo incentivado pela idéia da necessidade de se ter uma variedade sexual para sua saúde física. O adultério por parte dos maridos era encarado como uma fraqueza compreensível, o que não ocorria em relação às mulheres. Vivemos um momento de efervescência da busca de igualdade de direitos. Ativismos e movimentos sociais têm buscado alterar o panorama desenhado ao longo dos anos. Destacaremos o "feminismo" e sua capacidade de promover grandes debates sobre as desigualdades nos direitos e deveres de homens e mulheres, tendo alcançado resultados perceptíveis, vislumbrando uma crescente diminuição dessas desigualdades das relações sociais e sexuais. Num mundo social que passa por profundas transformações, as mulheres não admitem mais a dominação social e sexual masculina.

Na análise feita por Giddens, ele afirma que a vida pessoal se tornou um projeto aberto, criando novas demandas e também novas ansiedades. Um exemplo dessas novas demandas são as experiências homossexuais, que até meados dos anos 60 era considerada em grande parte da literatura clínica como uma patologia (distúrbio psicosssexual), hoje é vista com mais naturalidade como algo que se pode "ser" e "descobrir-se ser". A sexualidade é algo que cada um de nós "tem", ou cultiva, funciona como um aspecto maleável do eu, uma auto identidade (1993, p. 25).

#### **4. OS IMPACTOS DA "REVOLUÇÃO SEXUAL" NA SOCIEDADE MODERNA**

##### **4.1. Discursos, Ideologias e Sexualidade**

Foucault mostrou ao longo da sua obra, como o sexo passou a ser discutido e investigado; como os discursos sobre o tema se multiplicaram ao longo dos últimos séculos. A criação desses discursos sobre o sexo trouxe o desenvolvimento de contextos de poder e de saber, com clara intenção de se exercer algum controle. O resultado desses processos discursivos foi o surgimento de uma ciência da sexualidade, diretamente associada ao acúmulo do conhecimento sobre o sexo; passou-se a falar, debater e escrever sobre o tema com mais naturalidade. Para Foucault, na modernidade houve uma imposição de se fazer da sexualidade um discurso permanente, que se utiliza de múltiplos mecanismos que, na ordem da economia, da pedagogia, da medicina e da justiça, incitam, extraem, organizam e institucionalizam o discurso do sexo. "O que é próprio das sociedades modernas não é terem condenado

o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo” (1988, p. 42).

Como pano de fundo, a revolução sexual ganha contornos de um movimento ideológico e filosófico da contracultura, cujo principal objetivo é obter mudanças nas relações humanas até então estabelecidas. O movimento era encabeçado por uma juventude reacionária, que deixava claro sua atitude rebelde, visto o crescente interesse por sexo, drogas e rock'n roll, slogan muitas vezes usado por essa geração. Na base desta ideologia está o filósofo alemão e naturalizado norte-americano Herbert Marcuse, com a ideia de que a livre expressão da sexualidade seria uma arma política contra o sistema capitalista. Com a sua obra *Eros e Civilização*<sup>17</sup>, Marcuse injetou na juventude norte-americana do pós-guerra, a ideia do sexo livre como o mais alto grito de protesto contra o sistema. Marcuse foi assimilado como um guru intelectual do movimento hippie e disponibilizou para a geração mais jovem uma corrente contínua de propaganda como forma de legitimar os seus impulsos rebeldes. Suas palavras viraram chavões na década de 60 e 70, auge do movimento hippie. É dele o slogan "Make love, not war" ("Façam amor e não guerra").

Foucault traz para esse debate o fato de que a sociedade moderna começa a incluir o sexo nas preocupações que se deva ter com o futuro de um país. Não apenas ao número ou a virtude dos cidadãos, bem como as regras de casamento ou a organização familiar, mas também a maneira como cada um usa seu sexo (1988, p. 32). O que antes tinham apenas um aspecto privado, no que diz respeito à intimidade, passa a ser de interesse público. Em alguma medida, o Estado começa a interferir e instituir regulações nas relações sociais que outrora era apenas de interesse privado. Podemos citar como exemplo, questões como controle de natalidade (distribuição de camisinhas e contraceptivos), aborto, pedofilia, entre outros; estas são questões que saltam do privado e alcança a esfera pública, pelas implicações que delas emergem. A busca por igualdade de direitos tanto por parte das mulheres como por homossexuais é outra questão que está nos grandes debates da atualidade, ilustrando bem o aumento dessas novas demandas, própria dos Estados Modernos. O advento da AIDS, talvez seja nos últimos anos, o fato que produziu uma das maiores sobreposições entre o público e o privado. A epidemia trouxe grande preocupação para os Estados, por se tratar de um problema de saúde pública. Essa doença mudou a história da humanidade, trazendo uma nova perspectiva sobre a sexualidade. O vírus HIV espalhou pânico, transformou hábitos, arrasou países no continente africano, matou mais de 30 milhões de pessoas, pois durante muito tempo a doença era fatal, o que provocou uma onda gigantesca de estudos e publicações sobre o tema da sexualidade.

#### **4.2. O impacto Social da Revolução Sexual**

As mudanças do comportamento sexual e social, percebidas nos dias de hoje, são profundas e reverberam nos problemas sociais, resultantes dessa nova atitude em relação ao sexo e o que ele significa para cada indivíduo. A revolução sexual serviu como trampolim para uma série de mudanças de comportamento, principalmente para as mulheres, deslocando a moralidade sexual para outra direção: as relações sexuais passaram a acontecer pela busca do prazer, seus outros valores ficaram em segundo plano, separando definitivamente o coito e a procriação. Nessa nova perspectiva, a sexualidade se desloca do âmbito biológico para o amor pessoal ou amor-paixão. Sem dúvida nenhuma, esse é um dos aspectos mais relevantes quanto às mudanças do comportamento sexual moderno: o fato de que as mulheres de forma mais relevante, foram encorajadas a ter uma atitude mais liberada para viver sua sexualidade de forma mais intensa. O direito de ter uma vida sexual mais prazerosa foi possível a partir da “libertação” alcançada pelos meios contraceptivos. A pílula trouxe para as mulheres, a possibilidade de aumentar sua atividade sexual, sem precisarem depender da decisão dos homens, para sua escolha de engravidar ou não.

Em 2010, a “Pílula” celebrou seu 50º aniversário. A contracepção moderna mostrou ser a mais revolucionária prática da história da moral sexual, na medida em que serviu como um instrumental importante na emancipação da mulher, separando a sexualidade feminina da procriação como implicação. A revolução sexual é celebrada, em quase todos os aspectos, como uma conquista, uma evolução necessária para a sociedade moderna: libertou as mulheres da escravatura da sua fertilidade, proporcionando-lhe oportunidades pessoais e profissionais; libertou os homens das cadeias que consistia em terem de assumir a responsabilidade pelas mulheres com quem tinham relações sexuais e/ou pelos

---

<sup>17</sup> MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. LTC Editora, 1999.

filhos que daí resultava. De forma otimista, podemos afirmar que também os filhos se beneficiaram com esta situação, pois a facilidade de limitar o número de nascimentos resultaria em que cada filho teria que dividir com menos dependentes a atenção familiar (EBERSTADT, 2012, p.16).

Todas essas atitudes tiveram um grande impacto social, fruto desse novo modelo de comportamento adornado pela multiplicidade e modalidades das relações sexuais, sem a preocupação com as responsabilidades que as acompanham. Aumentando a lente para a compreensão desta tão impactante revolução, que transformou o comportamento da sociedade nas últimas décadas, constataremos que a revolução sexual não gerou apenas pontos positivos como os já descritos anteriormente, mas também de pontos negativos, como qualquer fato social. Se reduzirmos a análise dos resultados da revolução sexual, apenas nos aspectos positivos, teremos inevitavelmente uma perspectiva parcial do tema, entretanto, toda análise para que seja virtuosa necessita expor os dois lados da moeda, mesmo que seja necessário “mexer na ferida”. É preciso empreender quais foram às sequelas humanas presentes neste mundo pós-revolução sexual. Para tal, apresentaremos a análise feita por Mary Eberstadt, pesquisadora do Hoover Institution, em seu livro *Adão e Eva depois da pílula*<sup>18</sup>. A autora examina como essa revolução produziu sentimentos contraditórios, tanto em homens como em mulheres. Se por um lado, as mulheres conquistaram o direito do divertimento sexual, apropriado pelos homens há mais tempo, por outro, tornou-se misteriosamente impossível para as mulheres, encontrar um bom, estável e confiável namorado e comedido ao mesmo tempo. Eberstadt apresenta argumentos e dados, indicando que esse evento foi um desastre para muitos homens e mulheres, e que seu peso foi cair sobre os ombros dos pequenos e mais fracos da sociedade, ao mesmo tempo em que fazia aumentar a força dos que eram mais fortes e predatórios.

Quais seriam então os problemas provocados pela revolução sexual? Seriam eles relevantes para os interesses da sociedade atual, em que o individualismo descortina como uma das principais características de uma modernidade líquida? Em que medida essas questões interessa para as ciências sociais? Eberstadt apresenta algumas questões que, em sua opinião, estão diretamente ligadas à revolução sexual: a proliferação das doenças sexualmente transmissíveis; aumento de casos de estupro, aumento de adolescentes grávidas, acompanhado pelos abortos que carregam em si, problemas psicológicos para as mulheres jovens; “o aumento das taxas de divórcio, da promiscuidade e delinquência juvenil, bem como o abandono de filhos e outras responsabilidades familiares”<sup>19</sup> (2012, p.12). É inegável a realidade desses fatos na atualidade, e, na opinião de alguns estudiosos, revela que algo saiu pela tangente dessa promessa de paraíso após a libertação sexual, e que trazem um custo, não só individual, mas para toda a sociedade.

Há também questões difíceis de mensurar como o trauma das crianças com lares desfeitos, depressão, solidão e etc. Estudos mostram que as crianças, principalmente de baixa renda, são as que mais sofrem com esse cenário: apresentam menor probabilidade de desempenho positivo em várias medidas de qualidade de vida. Existem pesquisas que demonstram estatisticamente que: mulheres cujos maridos são os chefes de família (provedores) tendem a ser mais felizes do que outras mulheres; homens casados tendem a trabalhar e ganhar mais do que homens solteiros; a promiscuidade na juventude parece estar fortemente relacionada ao fracasso educacional e problemas como uso de drogas e álcool; crianças, principalmente as meninas, cujas mães são divorciadas ou solteiras têm maior probabilidade de sofrer abuso sexual em casa do que crianças com os pais biológicos casados. Apesar de poucos teóricos sociais atentarem para esses problemas, eles existem e várias pesquisas sociológicas apresentam empiricamente as implicações desses fatos sociais.<sup>20</sup>

### 4.3. O fardo da Revolução Sexual

Em sua tese, Eberstadt aponta para o fato de que a maior vítima da revolução sexual são as próprias mulheres, que precisam conviver com o fantasma do aborto e depressão que se segue, fruto de uma gestação não desejada; são quem sofre o maior impacto financeiro no divórcio; quem normalmente

<sup>18</sup> EBERSTADT, Mary. *Adão e Eva depois da pílula: paradoxos da revolução sexual*. Lisboa: Alêtheia Editores, 2012.

<sup>19</sup> Mary Eberstadt cita o conceito de “família atômica” do sociólogo de Harvard Carle Zimmerman, presente em sua obra: *Family and Civilization*.

<sup>20</sup> WILCOX, W. Bradford, LERMAN, Robert I., PRICE, Joseph. *Strong families, prosperous states: Do healthy families affect the wealth of states?* Disponível em: <http://www.aei.org/publication/strong-families-prosperous-states/>. Acesso em 24 jan. 2016. Documento publicado pelo American Enterprise Institute e o Institute for Family Studies - o relatório mostra que padrões de casamento e da família são fatores importantes para o desempenho das crianças nas escolas e para a economia dos Estados.

assume a educação dos filhos quando o parceiro vai embora, tendo um maior agravante quando se trata de comunidades mais pobres, onde as mães solteiras não desfrutam do serviço de uma babá e/ou empregadas domésticas para ajudá-la, sendo obrigadas a deixarem seus filhos nas creches comunitárias para enfrentarem o mercado de trabalho. Outro efeito da revolução sexual que as mulheres têm enfrentado é a infantilização do homem, ou o prolongamento da juventude, uma espécie de “adultescência”. A revolução sexual trouxe para a modernidade a ideia de que era possível praticar sexo livremente, sem pagar preço algum por isso. Particularmente os homens festejaram essa nova concepção da sexualidade, na medida em que tanto a contracepção como o aborto generalizado libertam os homens de se tornarem maridos e pais, dando a eles a possibilidade de possuir várias mulheres sem se preocupar com as responsabilidades que a prática sexual trazia no passado, como filhos e o sustento dos mesmos. Como fruto dessa nova forma de encarar o sexo, muitos homens tornaram-se incapazes de amadurecer, de passar da adolescência para a fase adulta e de assumir as responsabilidades por suas vidas e de seus dependentes. A crítica social Kay S. Hymowitz mostra em seu livro *“Manning Up: How the Rise of Women Has Turned Men into Boys”*<sup>21</sup> que, enquanto as mulheres estão graduando nas faculdades e conquistando cada vez mais novos mercados profissionais, os homens na fase pré-adulta se comportam cada vez mais como crianças, preenchendo seu tempo se divertindo com jogos eletrônicos, filmes e séries; comportamento este que se prolonga para a fase adulta. Na obra são apresentados os fatores causais para a ascensão do “homem-criança”. Para as mulheres esse comportamento não é nada divertido, o que elas querem é que deixem de ser meninos e que se tornem homens, maduros e responsáveis.

A autora também aponta para os problemas que incidem sobre as crianças, adolescentes e jovens. A correlação causal entre a liberação sexual, a prática da coabitação e o aumento de sofrimentos psicológicos ligados ao desmanche das famílias e que trazem danos para os seus membros, é apontada em muitos estudos publicados em universidades. Há pesquisas empíricas em abundância nos EUA, que demonstram os efeitos fortemente negativos da coabitação e famílias monoparentais no bem-estar da criança. Um estudo na Suécia, publicado por uma revista médica britânica, *The Lancet*<sup>22</sup>, em 2003, apontou que crianças que crescem em famílias desfeitas, em comparação com aqueles que vivem em famílias intactas, eram duas vezes mais propensos a sofrer de distúrbios psiquiátricos, doenças, tentativas de suicídio, alcoolismo e uso de drogas. O estudo que examinou a relação entre coabitação e o bem-estar da criança concluiu que “... para as crianças, nascidas em uma união consensual, elaboram-se várias implicações: o risco de dissolução é persistentemente elevado; estão sujeitos a nascerem em uma situação socioeconômica precária; estão mais propensos a viver com os avós, após a dissolução... *The State of the Nation Report* na Grã-Bretanha, publicado em 2006, descobriu que 70% dos jovens infratores vêm de famílias de mães solteiras, e as crianças que haviam crescido com mães solteiras ou em famílias desestruturadas tinham entre três a seis vezes mais probabilidade de ter sofrido abuso. “A infância em famílias destruídas”, afirma o relatório, “tem mais propensão para ser infeliz, para a violência, o abuso, a dívida, a droga / problemas com o álcool, bem como altos níveis de ansiedade, depressão, pensamentos suicidas e doença mental”. O relatório conclui que “o impacto da ruptura familiar nos filhos é geralmente negativo”. Em muitos casos, tem efeitos insidiosos com impactos sobre a sua própria capacidade futura para manter relacionamentos saudáveis.” Um artigo recente que analisou estudos de longo prazo a partir de Suécia, Israel e Reino Unido, bem como os EUA, e publicado em uma revista pediátrica escandinava, concluiu que as crianças que viviam com ambos (pai e mãe) tiveram significativamente menos problemas comportamentais e psicológicos do que aqueles que viviam sós com a mãe<sup>23</sup> (POPENOE, v.46, p.434-435).

Eberstadt analisa as circunstâncias que fazem as mulheres carregarem nos ombros o fardo da revolução sexual. Essa é uma discussão ainda recente na literatura sociológica; “o paradoxo do declínio

<sup>21</sup> HYMOWITZ, 2011 apud EBERSTADT, 2012 p.19.

<sup>22</sup> O *The Lancet* é uma das mais importantes publicações científicas na área médica. Essa revista é publicada no Reino Unido pelo *Lancet Publishing Group*.

<sup>23</sup> POPENOE, David. *Cohabitation, Marriage, and Child Wellbeing: A Cross-National Perspective*. Social Science and Public Policy. Vol 46, Number 5, pp. 429-436. 2009. Disponível em: <http://link.springer.com/article/10.1007%2Fs12115-009-9242-5>. Acesso em 24 jan.2016.

da felicidade feminina”<sup>24</sup>, “que consiste na inexplicável distância que se verifica entre a liberdade sem precedentes de que usufruem as mulheres do nosso tempo e o simultâneo acréscimo da infelicidade das mesmas mulheres, de acordo com os padrões das ciências sociais” (EBERSTADT, 2012, p.19). Obviamente que qualquer estudo de saber social, pode ser rejeitado e contestado, no entanto, parece uma contradição o fato incontestável de que a libertação sexual deveria fazer as pessoas mais felizes, mas os estudos sobre felicidade apontam que a mulher de hoje se considera menos feliz que a da geração anterior<sup>25</sup>.

A revolução sexual também atingiu os homens, como já expusemos. Eles festejaram muito essa nova concepção da sexualidade; há um intenso desejo na maioria por relações sexuais que sejam recreativas e não produtivas, e sem dúvida, a revolução sexual foi quem proporcionou essa fartura de sexo. Retomando as reflexões feitas por Bauman sobre a realidade consumista na qual o ser humano está inserido, ele aponta para a transformação da vida humana em objeto de consumo. Em meio a um ambiente incerto como o atual, o consumo aparece como resposta à satisfação das ansiedades dos indivíduos. A partir dessa perspectiva da atualidade, percebemos que tem aumentado o número de pessoas que procuram comprar sexo e romance como compram bens inanimados, uma espécie de “comercialização do amor”, mas que tem suscitado uma consequência indesejada: “produzir consumidores mais exigentes numa área da vida em que uma maior exigência parece contrapor-se à satisfação de longo prazo.” Isto posto, parece razoável que a procura por novidade sexual acaba por funcionar em detrimento do romance de longo prazo. Esse aspecto descortina outra característica do atual “homem-criança”: a utilização que ele faz da obscenidade, ou seja, aquilo que se pode chamar o “paradoxo da diminuição da felicidade masculina numa época de superabundância de imagens sexuais”. (EBERSTADT, 2012, p.71)

São homens os maiores “consumidores” de sexo. Nas últimas décadas, surge uma verdadeira indústria do sexo, constituindo-se num setor de negócios muito lucrativo. Um bom exemplo é a ascendência da indústria pornográfica. O sexo ganhou o status de “business” passando a ser um produto de consumo, muito estimulado, explorado e comercializado - esse exemplo se mostra consonante com o que Bauman havia discernido. A pornografia surge também como um fenômeno resultante da libertação sexual. Pesquisas e pareceres médicos mostram que há correlação entre o consumo crescente de pornografia e a perda de libido em relação a mulheres reais, quase sempre esposas e namoradas. Pamela Paul da revista Time publicou “*Pornofied: how pornography is transforming our lives, our relationships and our families*”<sup>26</sup> onde entrevistou mais de 100 usuários de pornografia (80% homens e 20% mulheres). Muitos dos entrevistados disseram ter dificuldades de se excitar com mulheres reais. Norman Doidge, neuropsiquiatra e pesquisador, tratou de vários homens afetados pelo consumo de pornografia, a maioria tinha dificuldades de ter relações sexuais com suas respectivas esposas; sua conclusão é que: “Os pornógrafos prometem um prazer saudável e a libertação da tensão sexual, mas aquilo que quase sempre acabam por oferecer é dependência, tolerância, e por fim um decréscimo no prazer...”<sup>27</sup> Viciados em pornografia existem em quantidade cada vez maior, enquanto que homens românticos, em quantidade cada vez menor, constituindo um paradoxo do mundo pós-moderno: enquanto hoje em dia é mais fácil do que nunca conseguir sexo, por outro lado tem se tornado cada vez mais difíceis relações amorosas duradouras, baseadas no romance, na confiança e no compromisso sério. Atualmente as maiores queixas na relação entre homens e mulheres modernos estão relacionadas à escassez do romance. Há um crescente desejo por romance numa época de fartura sexual (EBERSTADT, 2012, p.75-82). É um efeito dominó: maridos viciados em pornografia perdem o interesse nas suas mulheres, gerando nelas frustrações e um sentimento de rejeição, culminando quase sempre no divórcio, que por sua vez afeta negativamente os filhos.

---

<sup>24</sup> STEVENSON, Betsey. WOLFERS, Justin. "The Paradox of Declining Female Happiness," American Economic Journal: Economic Policy, American Economic Association, vol. 1(2), pages 190-225, August 2009. Disponível em: <http://www.nber.org/papers/w14969>. Acesso em 24 jan. 2016.

<sup>25</sup> Em 2009, dois economistas de Wharton, Betsey Stevenson e Justin Wolfers publicaram o documento “*The paradox of declining female happiness*” onde, usando dados recolhidos durante 35 anos pela General Social Survey, observam que a mulher tem sido menos felizes que os homens, sobretudo no mundo industrializado e emancipado.

<sup>26</sup> PAUL, 2005 apud EBERSTADT, 2012 p.80.

<sup>27</sup> DOIDGE, 2007 apud EBERSTADT, 2012 p.81.



Em 2008 foi realizado um encontro para se discutir "Os Custos Sociais da Pornografia"<sup>28</sup>. Este encontro foi organizado pelo Instituto Witherspoon em conjunto com o Instituto de Ciências Psicológicas em Washington, realizada na Universidade de Princeton. A consulta foi organizada por Robert P. George, membro do Instituto Witherspoon e McCormick, professor de Jurisprudência na Universidade de Princeton. O objetivo dessa consulta foi o de apresentar argumentos que possibilitasse uma visão geral do problema de pornografia. A meta principal da reunião foi analisar a real natureza da pornografia em suas conseqüências morais e sociais, mostrando que a pornografia não é apenas uma questão privada e inofensiva. Os estudiosos que participaram dessa consulta representam uma ampla gama de perspectivas políticas e sociais, mas compartilham um interesse comum em abordar custo social devastador da pornografia. Nos dois dias de duração da consulta, os estudiosos entregaram documentos sobre aspectos específicos do impacto da pornografia na sociedade.

Diante de todos os fatos apresentados, a conclusão a que podemos chegar é que a revolução sexual provocou novas modalidades e arranjos sociais, inegavelmente reduziu os laços familiares, enfraqueceu a própria instituição do casamento, e como vários estudos demonstram, tais laços são importantes para indicadores sociais e para a qualidade de vida das crianças. Isso faz com que o assunto não seja, portanto, apenas de interesse privado, e sim do interesse de toda a sociedade. Dessa maneira, queremos pensar em como as ciências sociais podem contribuir para minimizar tais problemas. Minimamente poderia desenvolver análises que propicie elevar o debate sobre esses temas de tão grande relevância e elaborar propostas para que se alcance um "Estado de Bem Estar Social"? (Se é que esse modelo ainda se apresenta como uma meta a ser alcançado pelos países em desenvolvimento).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Este trabalho buscou analisar, pelas lentes das Ciências Sociais, as múltiplas e inesperadas conseqüências, daquela que poderá ser uma das mais impactantes revoluções na nossa sociedade. Passamos de um extremo ao outro, da era vitoriana, conservadora e rígida, para a era da modernidade líquida, fluida e libertina. Não estamos propondo aqui um retorno ao conservadorismo do passado, pois é nítido que houve melhorias significativas no que tange aos direitos que as mulheres conquistaram e da importância do seu papel social na atualidade. Nossa reflexão não deve ser interpretada como um grito de protesto ou um clamor ao retrocesso, mas uma reflexão importante e pertinente, não deixando de fora as questões e os problemas sociais, causados pela revolução sexual.

Eberstadt apresenta o panorama da revolução sexual numa situação análoga ao ambiente ideológico da Guerra Fria. O fracasso comunista era um fato empírico, estava diante de todos que quisessem enxergar, mas ainda assim muitos, especialmente os "sofisticados" da elite, adotaram uma postura neutra, quando não endossaram o regime. Havia uma vontade deliberada de desacreditar nas evidências do fracasso comunista. Para a autora, o mesmo ocorre hoje:

"... a intensa vontade de não acreditar nos efeitos prejudiciais de outra força social e moral que mudou o mundo. Refiro-me a revolução sexual, ou seja, a desestigmatização e desmitificação das relações sexuais extras matrimoniais e a redução das relações sexuais em geral a uma espécie de divertimento higiênico, em que vale tudo desde que os envolvidos sejam adultos e não tenham sido obrigados a nada." (2012, p.27).

Inúmeros dados empíricos e pesquisas apontam para problemas graves provenientes da revolução sexual, mas a maioria insiste em ignorá-los ou fingir que não estão, de forma alguma, atrelados ao fenômeno em si. As semelhanças entre as atuais negações intelectuais dos custos da revolução sexual e as negações intelectuais do passado dos custos de comunismos são notórias e perturbadoras. Esses dois eventos de peso da moderna história do pensamento são análogos se pensarmos que ambos carregam um corpo irrefutável de dados que dá a conhecer as lamentáveis conseqüências econômicas, sociais e morais dos fatos; em ambos, a minoria de investigadores que reuniram os referidos dados

---

<sup>28</sup> "The social cost of Pornography" é um documento publicado em 2009 e assinado por 50 pesquisadores de diversas especialidades, resultado de uma consulta que reuniu os principais especialistas nas áreas de psiquiatria, psicologia, neurofisiologia, filosofia, sociologia, direito e teoria política.

empíricos, chamando a atenção para os fatos foram confrontados com reações que transitam entre a indiferença e a ira passando pela ridicularização (EBERSTADT, 2012, p.28).

Baseado em recentes pesquisas, a autora defende uma reflexão entre o modelo conservador do casamento e da monogamia e o modelo liberal da ausência ou postergação do casamento (solteirismo), generalização do divórcio e da monoparentalidade. Eberstadt apresenta pesquisas que apontam “uma relação próxima entre a promiscuidade nos adolescentes e jovens, por um lado, e o fracasso escolar e outros problemas, como o uso do álcool e de drogas, por outro”<sup>29</sup>. Também cita a pesquisa de Sara McLanahan que afirma que “as crianças que são educadas apenas por um dos pais biológicos estão, em geral, em piores condições do que aquelas que são educadas numa família onde ambos os pais biológicos estão presentes...”<sup>30</sup> (EBERSTADT, 2012, p.30). Uma obra publicada em 2005 que apresenta dados mais recentes das consequências da revolução sexual é *Between Two Worlds: The Inner Lives of Children of Divorce*<sup>31</sup> da autoria de Elizabeth Marquardt que usou como metodologia a aplicação de um questionário para dois grupos: um constituído por filhos de pais divorciados e o outro por filhos de pais casados. Os resultados obtidos mostram claramente os elevados riscos de disfunção e perturbação que acompanham muitas destas crianças até o estado adulto. Em aspectos práticos as duas amostras apresentam as seguintes diferenças: as famílias destruídas têm menos tempo e menos espaço para os filhos do que as famílias que permanecem intactas. Outras diferenças mais nebulosas aparecem no grupo de pais separados, em que o “estado de insegurança” fica evidente. Os investigadores constataram que essas pessoas sofriam “do medo permanente de uma tragédia a espreita ao virar da esquina, que sobre eles se abateria sem aviso prévio”. Muitos dos sujeitos estudados sofrem de um estado generalizado de apreensão e receio do mundo, que se prolongou até a chegada da idade adulta. (2012, p.31-33)

Todos esses argumentos vão à contra mão da visão mais otimista e liberal das conquistas provenientes da revolução sexual. O que nos resta como cientistas sociais é formularmos perguntas para a análise do panorama social em que estamos enredados. Vivemos numa sociedade mais equilibrada? Nossos jovens têm mais consciência das responsabilidades que cada atitude carrega em si mesma? As mulheres se sentem mais seguras e felizes com as conquistas obtidas? Obviamente que não podemos respondê-las objetivamente, mas podemos pensar refletir e buscar as respostas para que encontremos um ponto de equilíbrio vital para a saúde da sociedade atual. Apesar de todas as evidências favoráveis às mulheres, repetidas ao longo das últimas décadas, o que podemos questionar é: o poder libertador que os meios contraceptivos trouxeram para a mulher moderna deram a elas a satisfação desejada e prometida pelo movimento feminista e pela revolução sexual? Ao que parece, nem sempre. As mulheres que aparentemente foram as mais beneficiadas pelas conquistas oferecidas pela revolução sexual, nem sempre fazem uso dos métodos disponíveis, tendo em vista o alto índice de gravidez precoce, gravidez não desejada, e como consequência a prática do aborto e as doenças psicossomáticas oriundas desta, assim como as doenças sexualmente transmissíveis. Parece-nos que as mulheres foram as que mais sofreram com as consequências da revolução sexual. Elas vivem um dilema paradoxal: se por um lado estão “livres” para viver uma vida sexual mais intensa, por outro carregam sobre seus ombros uma acumulo de responsabilidades que vai desde procura por um amor comprometido, até a aceitação da solidão “imposta” pela vida moderna.

Este artigo não tem a pretensão de esgotar o tema, e nem mesmo obter todas as respostas aos questionamentos feitos durante a análise das consequências da revolução sexual; mas quer elevar o debate concernente ao tema, trazendo à tona todos os pontos, positivos e negativos, dessa tão impactante revolução, que atingiu não só a dimensão das relações sexuais, mas também as dimensões sociais, políticas e econômicas; projetando um olhar puramente sociológico sobre os fatos que refletem o quão profundo e surpreendente foram essas transformações, que conformaram a sociedade, em tempos de uma modernidade líquida e fluida.

---

<sup>29</sup> “Substance Use and Sexual Health among Teens and Young Adults in the U.S.” Folha de dados da Henry J. Kaiser Family Foundation. Fevereiro de 2002.

<sup>30</sup> McLANAHAN, SANDEFUR, 1994 apud EBERSTADT, 2012 p.31.

<sup>31</sup> MARQUARDT, 2005 apud EBERSTADT, 2012 p.31.

## **BIBLIOGRAFIA UTILIZADA:**

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *A Sociedade Individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

COULON, Alain. *A Escola de Chicago*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

DOMINIAN, Jack. *Maturidade Sexual: a solução para Aids*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

EBERTSTADT, Mary. *Adão e Eva depois da pílula: paradoxos da revolução sexual*. Lisboa: Alêtheia Editores, 2012.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988 .

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 7)*. 1996.

GAGNON, John. *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades*. 2 ed. São Paulo: Ed. da UNESP, 1993.

HEILBORN, Maria Luiza, BRANDÃO, Elaine Reis. "Introdução: Ciências Sociais e Sexualidade", In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*, IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999, p. 7-17.

LASCH, Christopher. *A Cultura do Narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. LTC Editora, 1999.

THERBORN, Göran. *O Mundo: um guia para principiantes*. São Paulo: Contexto, 2013.

ZAMBERLAM, Cristina de Oliveira. *Os novos paradigmas da família contemporânea: uma perspectiva interdisciplinar*. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

ARAUJO, Maria de Fátima. *Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações*. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 22, n. 2, p. 70-77, June 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932002000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000200009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 11 set. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932002000200009>.

GENARO, Ednei de. *Sexualidade e Crítica Social: Marcuse após Foucault*. *CSONline – Revista Eletrônica em Ciências Sociais*, Ano 2, Volume 5, Dezembro 2008, UFJF. Juiz de Fora. Disponível em: <http://csonline.uff.emnuvens.com.br/csonline/article/view/396/369>. Acesso em: 30 set. 2015.

OLTRAMARI, Leandro Castro. A construção social do desejo para as Ciências Sociais. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 501-504, Aug. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2007000200021&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000200021&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 11 set. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2007000200021>.

POPENOE, David. Cohabitation, Marriage, and Child Wellbeing: A Cross-National Perspective. *Social Science and Public Policy*. Vol 46, Number 5, pp. 429-436. 2009. Disponível em: <http://link.springer.com/article/10.1007%2Fs12115-009-9242-5>. Acesso em 24 jan.2016.

SENA, Tito. Os relatórios Masters & Johnson: gênero e as práticas psicoterapêuticas sexuais a partir da década de 70. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 221-240, Abr. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2010000100014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2010000100014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 18 set. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2010000100014>.

#### **BIBLIOGRAFIA CITADA:**

DOIDGE, Norman. *The Brain That Changes Itself: Stories of Personal Triumph from the Frontiers of Brain Science*. New York: Viking Adult, 2007.

GAGNON, J, SIMON, W. *Sexual Conduct: The Social Sources of Human Sexuality*. Chicago: Aldine, 1973.

HYMOWITZ, Kay S. *Manning Up: How the Rise of Women Has Turned Men into Boys*. New York: Basic Books, 2011.

KINSEY, Alfred C., POMEROY, Wardell B. e MARTIN, Clyde E. *Sexual Behavior in the Human Male*, W.B. Saunders Co., Philadelphia London, 1948.

KINSEY, Alfred C., POMEROY, Wardell B., MARTIN, Clyde E. e GEBHARD, Paul H. *Sexual Behavior in the Human Female*, W.B. Saunders Co., Philadelphia London, 1953.

MASTERS, William; JOHNSON, Virginia. *A conduta sexual humana*. 4. Ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1969.

MASTERS, William; JOHNSON, Virginia. *A incompetência sexual: suas causas, seu tratamento*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

McLANAHAN, Sara, SANDEFUR, Gary. *Growing Up with a Single Parent: What Hurts, What Helps*. Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1994.

MARQUARDT, Elizabeth. *Between Two Worlds: The Inner Lives of Children of Divorce*. New York: Crown Books, 2005.

PAUL, Pamela. *Pornofied: How Pornography is Transforming our lives, our relationships and our families*. New York: Times Books, 2005.

FREUD, Sigmund (1930). *O mal-estar na civilização*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

ZIMMERMAN, Carle C. *Family and Civilization*. James Kurth (org.). Wilmington, Del. ISI Books: 2008.